

EYVIND JOHNSON
O TEMPO DE SUA GRAÇA

Tradução do sueco

João Reis



cavalo de ferro

O editor agradece ao SWEDISH ARTS CONCIL o apoio financeiro concedido para a tradução desta obra

**SWEDISH
ARTSCOUNCIL**

Título original: Hans nådes tid

Copyright © Cilla Johnson 1960

Copyright © Cavalo de Ferro, 2015, para a presente edição

Revisão: Tiago Marques

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-207-8

1.ª edição, Julho de 2015

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa (Portugal) reservados por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras 72 A

1250-024 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a prévia autorização e por escrito do editor, com excepção de excertos breves usados para apresentação e crítica.

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso *site*: www.cavalodeferro.com

AO LEITOR

Mantenho neste romance os nomes das localidades — bem como alguns outros — nas formas habitualmente utilizadas, por exemplo, Eginardo, o secretário de Carlos Magno, e Paulo, o Diácono, historiador dos longobardos. Contudo, mesmo nas obras destes autores se podem encontrar diferentes formas misturadas, ao ponto de se poder dizer que variam de um copista para outro. Alguns nomes de localidades são, contudo, tão próximos dos modernos que não considere necessário colocá-los no glossário que os interessados encontrarão no fim do livro.

E. J.

Viver numa folha de choupo...
Ninguém consegue viver em segurança numa folha de choupo.
No entanto, vivem ali minúsculas criaturas que não sabem
que o seu país é uma folha de choupo. Para elas,
é uma terra-natal,
uma pátria num mundo, o mundo da folha de choupo.

A tempestade que ocorreu no mar Adriático no fim da Quaresma do ano de 775 é inesquecível de diversos modos. Os seus efeitos demonstraram, sem dúvida, não ser insignificantes.

Pode dizer-se que lavrou sulcos profundos e prolongados com os seus arados — talvez não tanto na planície aquática, nos campos neptunianos, quanto nos espíritos e nas vidas de muitas pessoas.

Ainda no início do século IX, Johannes Lupigis, posteriormente secretário do imperador, e que vivia então em Aachen (ou Aquisgranum), falava frequentemente dessa tempestade. Ele próprio a sentira quando era ainda um sensível e impressionável jovem de dezasseis anos, na sua terra-natal, Forojuli. Durante toda a sua vida, guardou no seu coração recordações da tempestade e, por esse motivo, segundo escreve o cronista Agibertus, esse coração nunca alcançou por completo a serenidade.

Este Agibertus, da família dos Agi de Beneventum, descreveu, entre os anos de 828 e 830, episódios — que serão revelados na presente narrativa — para uso dos seus contemporâneos e das gerações futuras. Ele conhecia muito bem as preocupações que afectavam o coração lupigiano, e pôde mesmo considerar-se, durante um certo período da sua vida, o amigo íntimo de Johannes Lupigis. Na sua juventude, ele e o futuro secretário real e imperial realizaram juntos a viagem — importante e crucial para o destino de ambos — de Roma a Aachen, onde vieram a residir durante um considerável período.

Muitos anos depois da primeira viagem de Roma a Aachen, mais precisamente em 828, Agibertus visitou, por motivo dos

seus estudos, Forojudi, a cidade-natal de Johannes Lupigis, uma cidade vizinha de Utina no ducado de Friaul ou Friuli, no nordeste de Itália. A localidade, que não dista muito de Aquileia e Gradus, é também encontrada sob a forma ortograficamente mais correcta de Forum Iulii, tendo sido igualmente denominada Civitas Austriae, como esclarece Agibertus numa anotação, acrescentando: «Como a posição de Forojudi é geográfica, política e até mesmo militarmente estratégica, prevejo que esta cidade possa vir a ter muitos outros nomes, desde que a lua não empalideça para sempre e nos abandone a nós e à nossa abóbada celeste, trocando-nos por outros firmamentos.»

«A terra em volta de Forojudi, junto à costa setentrional do mar Adriático, prende imediatamente o olhar do viajante», prossegue Agibertus. «Aquela visão fez-me pensar que um gigante com mais de dez dedos, ou um gigantesco deus pagão com cem garras, tinha criado outrora a paisagem ao pressionar, num momento de brincadeira, fúria ou abstracção, a mão na lama macia ou na areia molhada com tanta força que o fundo rochoso foi empurrado para o céu. A marca da palma da mão converteu-se numa planície com colinas baixas rodeadas por um semicírculo, por uma coroa de montanhas. Os vales foram abertos logo no momento da criação e, ficando mais estreitos e altos, deram origem a fendas e ravinas entre as montanhas. Imaginei que o gigante demiurgo — ou o Nosso Senhor, o Mestre — pôs a mão a norte e a curvou ligeiramente para criar as elevações de Utina e Forojudi. As unhas ou garras chegavam às montanhas a norte, à massa sólida de montanhas que se erguia como a crista irregular da ondulação; lembram, de facto, uma enorme onda rochosa. Mais para oeste, a mão do gigante ou do demiurgo fez outra marca. Talvez tenha dado à Terra, ao nosso actual lar, uma bofetada e, ao fazê-lo, virado por acaso os dedos para o Sul e para o mar Adriático. As garras ou unhas do gigante ou do Senhor raspam o solo como um grande arado, um ancinho de dedos sulcos, e abriram os leitos para o largo rio Tiliamentum, que se divide em muitas ramificações e que, por isso, corre para o mar por muitos sulcos. De seguida, as garras do nosso gigante ou as pontas dos dedos do nosso Criador parecem ter-se arrastado com indiferença pelo solo; pelo menos, foi essa

a impressão que tive durante a minha viagem de investigação. O poder, Ele, assemelhava-se talvez a um artífice cansado que arrasta para casa os seus instrumentos, ou a um agricultor estafado que puxa a alfaia atrás de si ao fim do dia, na escuridão; a um homem que já não pensa no seu trabalho nesse dia extenuante, que já não pensa em sementes nem em colheitas. Assim vi essa região, o ducado friulano que a tempestade afetou pouco antes de terminar a Quaresma do ano de 775», descreve Agibertus nos seus documentos escritos na biblioteca do mosteiro de Beneventum, onde trabalhou até ao fim da sua velhice.

*

«Alguém sugeriu que a tempestade de 775 pode ter sido originada por influência da Lua sobre a Terra. Pelo menos, foi essa a opinião de alguns dos que se interessavam pelos comportamentos da Lua, pelas suas diferentes fases, diminuições, aumentos e humor inconstante. Por outro lado, alguns consideraram que essa tempestade fora naturalmente causada, e como qualquer outra, por fortes ventos. Nada sei sobre as suas causas e, para ser sincero, não pondero muito acerca das mesmas», diz o gentil Agibertus. «Conheço apenas os efeitos da tempestade em alguns espíritos. Rasgou-os como as garras do gigante ou as unhas de Deus que criam rios de água à superfície do solo e rios de lágrimas nos olhos humanos.»

Muitos monges e freiras residentes nos mosteiros ficaram assustados de morte com a tempestade, à semelhança de simples pessoas do povo. Outros habitantes dos mosteiros encararam-na de modo diferente, e não com os mesmos sentimentos. Isto aconteceu sobretudo a homens outrora poderosos mas que tinham sido obrigados a abandonar o seu próprio poder, os seus reinos, ducados e semelhantes. A maioria deles havia sido enclausurada nos mosteiros pelos seus inimigos ou, em certos casos, pelos seus pais, filhos ou outros parentes. A alguns tinham-lhes arrancado ou cegado os olhos, de maneira que, de tudo aquilo que existe, pudessem apenas ver Deus. Esses prisioneiros nos mosteiros sentiram-se secreta ou francamente extasiados com a fúria da tempestade.

Acreditavam que o Inferno libertara as suas forças mais poderosas para que estas transformassem e destruíssem a Terra, e que a ruína total seria, portanto, inexorável, ou que se aproximava o reino celestial ou o grande e universal silêncio. Deram as boas-vindas a uma tempestade que os ajudaria a escapar, sem quebrar os mandamentos de Deus, da sua prisão terrena. Além disso, a tempestade talvez pudesse roubar a força dos inimigos, pais ou filhos e outros parentes então no exercício do poder, deitá-los abaixo das selas que montavam, arrancá-los dos seus tronos e afastá-los do poder de uma vez por todas; talvez os esmagasse, estropiasse e obrigasse a morrer entre vigas retorcidas e pesados tijolos derrubados. Muitos cativos, presos de diferentes modos, acolheram a tempestade com alegria silenciosa ou barulhenta exaltação, numa época em que o seu único consolo era a esperança da morte.

Havia um homem, porém, a quem a tempestade não despertou pensamentos receosos, eufóricos ou maldosos: tratava-se do diácono Anselmus de Beneventum. Ele encontrava-se a bordo de um navio mercante no centro da tempestade e manteve-se, por conseguinte, imperturbável.

*

A tempestade tornou-se conhecida na literatura sobretudo graças ao secretário Johannes Lupigis, que a menciona frequentemente nas suas memórias. Agibertus escreve: «Quando, esta manhã, desci à biblioteca, voltei a pegar nos seus escritos, que estão preservados aqui no mosteiro, e li-os parcialmente. No volume sobre a sua juventude, Johannes Lupigis escreve — isto teve lugar na Quaresma de 801:

«[...] e ainda hoje, passados vinte e seis anos, consigo identificar os efeitos da tempestade. São efeitos que me causaram uma impressão significativa e duradoura. Eu pensei, ainda que só por um momento, nessa tempestade, quando, no fim do ano passado, testemunhei de perto a imprevista e solene coroação do nosso glorioso rei Carlos como imperador na igreja de S. Pedro em Roma. Nesse instante, sussurrei para mim mesmo: “Johannes, não esqueças!” E o mais peculiar é que, nos meus devaneios, usei o meu diminutivo de infância,

o nome carinhoso por que me tratavam, na nossa língua longobarda, em Forojuli: “Johanniperto, Perto, estás em *fornaccar*, em campos ceifados, mas nunca te esqueças! A *faida* do ar e do mar, a luta entre poderes de que não conhecemos mais do que a força e a implacabilidade, a força imprevisível do ar, aquela *plovus* de fúria cultivadora, não te esqueças delas!”

» Ouvi a minha voz de outrora e a minha voz de agora sussurrarem: “Perto, não te esqueceste, pois não?”

» Respondi com um sussurro àquilo que há muito se perdera ou que, em todo o caso, então se ocultava: “Não, tudo permanece ainda. Repousa. A minha mão está ao serviço do imperador e obedece à minha mente, e a minha mente está em paz.”

» Uma tempestade inesquecível, sem dúvida! Até aqui em Aquisgranum sinto, por vezes, os seus turbilhões de vento. Espero que sejam os últimos.»

«Assim se exprime Johannes Lupigis na sua autobiografia. A sua juventude e a sua vida posterior fascinaram-me porque tocam muito e profundamente a minha própria existência», escreve o cronista e compilador. «Sou Agibertus, chamado, por vezes, e com toda a justiça, O Zaralho. Na minha juventude, era um desprezível pecador e mulherengo, mas agora, através da força do sofrimento e da fé, sou um homem diferente — um pensador e contemplador em Beneventum, um homem livre numa biblioteca monasterial.»